



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **TOLERÂNCIA ZERO: REFLEXÕES SOBRE PREVENÇÕES AO USO ABUSIVO DE DROGAS**

Ângela Viana Machado Fernandes\*  
(UNESP)

#### **RESUMO**

Este trabalho analisa alguns tipos de prevenção às drogas no Brasil e suas consequências na sociedade. Algumas ações de prevenção têm sido desenvolvidas tanto com a participação de setores governamentais como organizações não governamentais, no intuito de resolver os problemas que resultam do abuso de substâncias lícitas e ilícitas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Prevenção às drogas; Sociedade.

#### **INTRODUÇÃO**

O final do século passado e início deste demonstram um acúmulo de desencantos tanto públicos como privados. O crescimento de portadores do HIV+, o consumo alarmante de drogas e suas consequências têm levado diferentes profissionais a buscar as causas e soluções ao seu enfrentamento.

Justificar as causas da adicção as drogas ou o aumento da AIDS no indivíduo e na desestruturação familiar, com uma conotação moralista e repressiva, têm

---

\* Professora Doutora no Departamento de Ciências da Educação, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Araraquara. Pós-doutoramento na Faculdade de Direito – Valencia- Espanha, na área de Direitos Humanos das Crianças e Adolescentes. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em educação, Jovens e Políticas Públicas-JUPPE, junto ao CNPq e a UNESP/CAR. E-mail [angela@fclar.unesp.br](mailto:angela@fclar.unesp.br).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

solidificado a inércia quanto às políticas sociais e investimentos do Estado nesta questão cujo problema maior está na própria sociedade.

O Brasil de hoje caracteriza-se pelo aprofundamento das crises sociais decorrentes de uma política neoliberal cuja consequência maior é a miséria absoluta de boa parte da população, cujos indivíduos têm como profissão “ser desempregado”. Somado a isto, a crise dos valores faz parte da sociedade na qual “quem não rouba é bobo” e “quem rouba, mas faz”, são introjetados e vistos como naturais por boa parte da população.

O privatismo civil, a violência urbana, o desemprego estrutural, tem levado cada um a cuidar de si, provocando uma nova arquitetura do isolamento e do sigilo. Condomínios fechados, muros cada vez mais altos, seguranças particulares, carros blindados e códigos e mais códigos secretos. Tudo e todos passam a ser vistos como ameaça em um mundo no qual a palavra de ordem é a concorrência desenfreada.

A sociedade brasileira, avessa as crises e contradições inerentes a ela, prefere encontrar culpados para sua instabilidade. O adicto, o HIV+, devem ser tratados como indivíduos a serem excluídos. São os bandidos, os imorais que não fazem parte de uma sociedade que quer manter as aparências de sua cordialidade e respeito.

De acordo com Belli (2004) relendo Bauman (1998) surge um novo olhar para o excluído que são aqueles que não podem consumir ou cujos meios não estão a altura dos desejos de consumo. Estes são os que encarnam os “demônios interiores” da sociedade de consumo, na qual seu isolamento em grupos ou guetos produz a incriminação necessária para o exorcismo social. Os excluídos, que são naturalmente culpados por não ser incluídos tornam-se uma ameaça aos que estão inseridos, daí a obsessão com a lei e a ordem que se abate sobre os setores considerados bem sucedidos. (BELLI, 2004, p. XVII-XVIII)



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A crise de valores repercute em todas as instâncias e camadas sociais no qual o mundo da verdade da mentira e o bem e o mal foram subvertidos. Todos querem fazer a justiça com as próprias mãos em uma sociedade que está totalmente desprotegida e fragilizada. Vivemos um momento no qual não encontramos critérios seguros frente ao inusitado dos acontecimentos que rompem todos os valores até então tidos como verdadeiros. Ao sujeito isolado, em seus conflitos internos nada mais resta que consumir. O velho discurso da sociedade de consumo retorna sob o falso pretexto da Globalização. O cidadão portador de direitos e deveres passa a ser cidadão consumidor, desde que possa comprar. Compra-se educação, saúde, moradia, segurança, falsas promessas de felicidade. Pois é nesta sociedade que cresce a cada dia, por parte dos jovens, o uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas.

A utilização da droga vem sedar os jovens para que se adaptem a um mundo que pouco tem a oferecer. Ele a tem utilizado não só para mascarar este mundo através da ilusão, mas como uma finalidade sócio-política. A conquista da China se fez com o ópio, na guerra do Vietnã foi um recurso utilizado como regulador. A conquista da maior parte dos países subdesenvolvidos continua sendo feita com o álcool e a pobreza. Nos anos 1960 as mudanças reivindicadas pelos jovens, principalmente nos países líderes do mundo como França e Estados Unidos, surge a arma da droga, como resposta alternativa de controle e anulação deste processo. O uso abusivo da droga não foi um fenômeno libertário juvenil espontâneo como parte de busca de mudanças, mas um instrumento sutilmente induzido entre os jovens para escravizá-los.

Com a chegada das drogas as Universidades acabaram-se as rebeliões. *Woodstock* foi a mais importante experiência massiva que já se fez para provar o poder demolidor da droga como sedativo numa multidão de jovens. Este festival, tão excentricamente idealizado, no qual mais de 100 mil pessoas conviveram, escutando, dançando e cantando rock durante três dias, foi sustentado por um fornecimento permanente de drogas, especialmente a maconha, por parte dos



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

guardas encarregados pela segurança. Ao mesmo tempo, a maconha foi utilizada como instrumento político, no Chile, para aniquilar a juventude que apoiava Allende (KALINA, 1999, p.180).

As políticas que visam o combate ao tráfico e traficante tem surtido pouco efeito, já que o universo milionário que envolve seu consumo atrai grupos poderosos, cujos interesses são manter seus rendimentos através de pequenos traficantes, os quais encontram na sua venda uma forma de sobrevivência. Invadir morros, lotar cadeias, matar alguns, tem sido uma das formas das quais as autoridades querem prestar contas à sociedade que desacredita em qualquer manifestação que tenha como objetivo atacar este problema de frente. Sabemos que nosso país é o centro no qual são distribuídas às drogas ilícitas para o mercado internacional. A política americana de intervenção na Colômbia, cuja justificativa maior é acabar com o narcotráfico na região começou a ser executada ainda no início de 2000.

Entretanto, embora as operações militares do Plano Colômbia, assim intitulado pelo Ministro de defesa dos Estados Unidos, na época, tinham objetivos, enquanto discurso, erradicar as plantações de coca e as guerrilhas na região, segundo Arbex (2000):

Se Washington quisesse mesmo acabar com o tráfico, ou pelo menos golpeá-lo seriamente, bastaria proibir que as empresas americanas continuassem exportando, para a Colômbia, éter, ácido sulfúrico, acetona e outros produtos necessários à produção da cocaína. Ou bastaria que os recursos empregados no Plano Colômbia (algo em torno de 7,5 bilhões de dólares, dos quais US\$ 1,3 bilhão emprestados por Bill Clinton) fossem destinados ao pagamento de camponeses que aceitassem substituir suas plantações de coca por milho, café, feijão e mandioca, ganhando o mesmo que ganhariam se vendessem quantidade equivalente de coca.

Segundo o articulista, as experiências deste tipo já tiveram sucesso em algumas áreas do Equador e Peru. Porém a Colômbia, além de petróleo é um dos países mais



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

ricos em reservas naturais da Amazônia, só perde para o Brasil, em termos de biodiversidade. Qual seria então a questão principal do Plano Colômbia, se a maior potência do mundo justifica sua interferência neste país com bandeira de combate as drogas?

Parece que o problema do narcotráfico é um “buraco sem fundo”, e nós “simples mortais” necessitamos urgentemente buscar saídas para que possamos prevenir nossos filhos quanto aos seus efeitos. Não podemos, também, atribuir a utilização abusiva das drogas só a questões ideológicas, pois existem outras vertentes que devem ser analisadas. Discutir e propor uma política de prevenção às drogas deve levar em conta além dos aspectos societários, o contexto familiar, e o usuário dependente químico.

Historicamente, as sociedades apresentam grande dificuldade em lidar com as diferenças. A ameaça à dita normalidade faz com que a exclusão predomine distinguindo os mais e menos aptos à integração ao processo produtivo.

Foucault (1978, p. 9) descreve o surgimento da Nau dos Loucos (*Narrenschiff*) no século XV na Alemanha. Eram barcos que levavam os insanos de uma cidade para outra. “Os loucos tinham então uma existência errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos.” As cidades eram purificadas das presenças incomodas dos loucos, permitindo a segurança dos cidadãos e impossibilitando que os mesmos ficassem vagando pelos seus muros.

Goffman (1978) analisa o surgimento das instituições totais como manicômios, conventos e prisões cujo intuito era na maior parte dos casos proteger a sociedade dos indivíduos que não se adaptavam às regras estabelecidas.

Em relação à educação as instituições que foram instaladas por volta do início do século XIX cujo projeto arquitetônico era da vigilância contínua através do poder



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

disciplinar, nas quais incluem as fábricas, hospitais, escolas, casas de correção e prisões visavam adaptar os indivíduos a um sistema normalizador. “O Normal se estabelece como princípio de coerção do ensino, com a instauração de uma educação estandarizada e a criação das escolas normais” (FOUCAULT, 1977, p. 164).

Neste sentido a norma permite que a sociedade sinta-se segura punindo e excluindo os que não se adaptam as regras definidas pelo geral como verdadeiras. As regras tratam os que fogem a elas como exceções, que devem se não podem ser normatizadas, excluídas ou analisadas segundo sua excepcionalidade.

A dependência química é uma doença física e emocional reconhecida pela Organização Mundial da Saúde e codificada no Código Internacional de Doenças sob o nº 304.8-2. Esta doença é incurável, progressiva e fatal, devido ao abuso de drogas que alteram o humor psíquico como, dentre outras, o álcool, hipnóticos, barbitúricos, tranquilizantes, anfetamina, maconha, cocaína, heroína, morfina, LSD, crack e outras.

As discussões acerca do abuso de drogas têm levado estudiosos do tema a repensarem as formas de prevenção, pois, as estatísticas revelam que o aumento da dependência aumenta diariamente.<sup>326</sup> Segundo a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD – a prevenção ao uso indevido de drogas visa a adoção de uma atitude responsável com relação ao uso de psicotrópicos, levando em consideração as circunstâncias em que ocorre o uso, com que finalidade e qual o tipo de relação que o indivíduo mantém com a substância, seja lícita ou ilícita.(OBID, 2009).

Algumas ações de prevenção têm sido desenvolvidas tanto com a participação de setores governamentais como organizações não governamentais, sistematizadas no documento Sexualidade, Prevenção das DST/Aids e Uso indevido de Drogas- Diretrizes para o trabalho com crianças e adolescentes (Ministério da Saúde, 1999), cujos princípios baseiam-se em: promoção da educação sexual nos processos formais e

---

<sup>326</sup>Para mais dados procurar [www.obid.senad.gov.br](http://www.obid.senad.gov.br).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

informais de ensino, tendo como objetivo a construção da cidadania; garantia de acesso e permanência na escola, que é o espaço privilegiado de construção e socialização do saber, promoção da participação e integração da família e da comunidade no processo educativo; garantia de acesso aos processos de promoção de saúde, prevenção, assistência médica e social; respeito aos direitos fundamentais do adolescente definidos na Constituição Federal e Estatuto da Criança e do Adolescente; a prevenção das drogas e o tratamento do usuário devem ser prioritários em relação a repressão ao uso; a classificação das drogas lícitas e ilícitas não deve ser utilizada como critério discriminatório para a definição de prioridades nas ações de prevenção; A formação dos profissionais das áreas de saúde, educação e assistência social deve contemplar sua atuação na área de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, Aids e drogas (SANTOS, 1999, p. 220).

As intervenções podem ser feitas em três níveis:

Prevenção primária – O objetivo é evitar que o uso de drogas se instale ou retardar o seu início. Prevenção secundária – Destina-se às pessoas que já experimentaram drogas ou usam-nas moderadamente e tem como objetivo evitar a evolução para usos mais frequentes e prejudiciais. Isso implica um diagnóstico e o reconhecimento precoce daqueles que estão em risco de evoluir para usos mais prejudiciais. **Prevenção terciária** – Diz respeito às abordagens necessárias no processo de recuperação e reinserção dos indivíduos que já têm problemas com o uso ou que apresentam dependência. Os níveis de prevenção são um *continuum*, sem limites claros, muitas vezes, entre prevenção primária, secundária e terciária. Na infância, as intervenções preventivas abordam a promoção de saúde em uma perspectiva ampla e constante podem ser feitas com orientação adequada a pais e professores, usando a criatividade e diversas atividades para propiciar a aquisição de habilidades e experiências que tenham efeito protetor.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A prevenção voltada para os adolescentes ocorre principalmente nas escolas, por ser esse o local que, idealmente, todos os jovens deveriam frequentar.

É mais fácil iniciar um trabalho de prevenção nas escolas, que têm uma estrutura organizada, voltada para passar informações e dar orientações aos alunos e que mantêm contato com os pais. Entretanto, não é na escola que a prevenção atingirá os jovens de maior risco. Os jovens com problema de conduta, geralmente, abandonam a escola e não se envolvem com regularidade em atividades nas quais também podem ser alvo de ações preventivas. Nesse caso, ações desenvolvidas na comunidade seriam mais indicadas. Para mobilizar um grupo dentro da comunidade, muitas vezes, é preciso iniciar algum trabalho em uma instituição da região, que pode ser uma escola a partir da qual, com o envolvimento dos alunos, pais, professores e funcionários, podem expandir as ações para a comunidade ao seu redor, envolvendo líderes comunitários, religiosos e grupos de jovens. É necessário que as ações sejam desenvolvidas em vários âmbitos, com ações integradas entre as diferentes áreas sociais (OBID, 2009).

Existe um programa denominado PROERD (Programa Educacional de resistência às drogas e à violência), desenvolvido pela Polícia Militar dentro das escolas que tem como modelo o programa americano D.A.R.E. (Drug Abuse Resistance Education) criado em 1983 em Los Angeles. O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) é um programa primário de prevenção ao uso indevido de drogas, aplicado por Policiais Militares, que ministram aulas para crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, visando, enquanto atividade preventiva, ensiná-las a resistir ao aliciamento de usuários e traficantes. Seu objetivo é propiciar o envolvimento da escola, da família e da polícia na questão da iniciação ao uso indevido de drogas e da violência pelas crianças, tendo sido adaptado para a nossa realidade e hoje administrado pelo Conselho de Comandantes Gerais das Polícias Militares do Brasil (CNCG) através da Câmara Técnica do PROERD. Os conhecimentos sobre drogas e as





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

formas de evitá-las são transmitidos aos alunos através de 17 lições com a utilização de uma cartilha, sendo aplicada uma aula por semana com a utilização de recursos didáticos como vídeos, dramatizações, jograis, canções, brincadeiras e outros, ao final do quê, são realizadas formaturas com a participação da família e da comunidade, com a entrega de um diploma, habilitando aquele aluno a ser um vetor de difusão dos conhecimentos adquiridos. Além de manter nossas crianças longe das drogas, com o PROERD, a Polícia Militar tem a possibilidade de fazer a aproximação do Policial Militar com a comunidade, já que ele trabalha com os alunos em sala de aula, fardado, na presença também do professor, fazendo com que haja uma melhor interação entre a PM e a sociedade (PROERD, 2009).

Muitas questões podem ser levantadas sobre este tipo de trabalho preventivo. Primeiro, mais uma vez nos apoiamos no modelo americano, no qual a figura do policial tem uma outra conotação, segundo, a realidade enfrentada nas escolas brasileiras é muito diferente da americana, terceiro, a polícia aqui, ainda é sinônimo de repressão e em sua maioria não está preparada para atuar com crianças e jovens dentro da escola.

O cotidiano escolar exige que o trabalho seja desenvolvido conjuntamente, e é esta a nova proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As disciplinas devem ser trabalhadas interdisciplinarmente propiciando que projetos coletivos possam atuar nas diversas áreas. Os problemas que advém do consumo de drogas dentro das escolas devem ser tratados de forma a encaminhar o jovem dependente não à polícia, que provavelmente o encaminhará para medidas sócio-educativas ou Fundação Casa, mas de forma a propiciar o tratamento e futura reinserção do mesmo na sociedade.

As políticas educacionais devem levar em conta que a formação dos professores nesta área é essencial, e para tal devem possibilitar que os horários dos cursos sejam



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

dados no período de trabalho dos mesmos, para que não provoque desânimo ou descrédito nos docentes.

O documento da política nacional sobre drogas, no que concerne a prevenção afirma que a efetiva prevenção é fruto do comprometimento, da cooperação e da parceria entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira e dos órgãos governamentais, federal, estadual e municipal, fundamentada na filosofia da “Responsabilidade Compartilhada”, com a construção de redes sociais que visem à melhoria das condições de vida e promoção geral da saúde; a execução desta política, no campo da prevenção deve ser descentralizada nos municípios, com o apoio dos Conselhos Estaduais de políticas públicas sobre drogas e da sociedade civil organizada, adequada às peculiaridades locais e priorizando as comunidades mais vulneráveis, identificadas por um diagnóstico. Para tanto, os municípios devem ser incentivados a instituir, fortalecer e divulgar o seu Conselho Municipal sobre Drogas; as ações preventivas devem ser pautadas em princípios éticos e pluralidade cultural, orientando-se para a promoção de valores voltados à saúde física e mental, individual e coletiva, ao bem-estar, à integração socioeconômica e a valorização das relações familiares, considerando seus diferentes modelos; as ações preventivas devem ser planejadas e direcionadas ao desenvolvimento humano, o incentivo à educação para a vida saudável, acesso aos bens culturais, incluindo a prática de esportes, cultura, lazer, a socialização do conhecimento sobre drogas, com embasamento científico, o fomento do protagonismo juvenil, da participação da família, da escola e da sociedade na multiplicação dessas ações; as mensagens utilizadas em campanhas e programas educacionais e preventivos devem ser claras, atualizadas e fundamentadas cientificamente, considerando as especificidades do público-alvo, as diversidades culturais, a vulnerabilidade, respeitando as diferenças de gênero, raça e etnia.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Nas escolas foi implantado desde 1996 o Programa “Prevenção Também se Ensina”. Este programa estadual tem por objetivo trabalhar a prevenção, inclusive das drogas, junto aos alunos das escolas estaduais, no estado de São Paulo. Implementado pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) em parceria com o governo e abrange todas as escolas estaduais dos municípios do Estado de São Paulo está voltado aos alunos da 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e do 1º ao 3º do ensino médio.

Uma outra linha dentro da prevenção diz respeito à Redução de Danos, cuja apresentação no site do SENAD é a seguinte: Ter uma abordagem do tratamento de usuários de drogas real e objetiva, refletindo o mundo em que vivemos e as dificuldades que encontramos pelo caminho é uma estratégia necessária. É nesse contexto que as drogas e quem as utiliza estão inseridos.

Para tanto, precisamos preparar-nos e, para isso, salientamos alguns pontos: **As drogas não são todas iguais:** elas apresentam diferenciados riscos, danos e reações, dependendo da droga em si, da maneira em que ela utilizada, da pessoa que o faz do meio em que isso acontece; **É necessário enfatizar seus efeitos e reações mais comuns:** mostrar apenas as reações tenebrosas e incomuns, geralmente, não permite a identificação dos reais riscos do uso de substâncias. Assustar, apenas, é improdutivo; **As pessoas têm diferentes graus de vulnerabilidade individual às drogas:** existem personalidades mais suscetíveis ao uso de drogas. O que se verifica é que a maioria das pessoas que experimentam ou até usam uma substância com alguma regularidade não se tornam, necessariamente, dependentes; **As drogas estão cada vez mais disponíveis:** esta inquietante constatação faz-nos refletir sobre a melhor metodologia de abordagem. Muitas vezes, o comércio e o uso de drogas é um fato que faz parte da vida das pessoas, como, por exemplo, quando as pessoas marginalizadas socialmente são utilizadas nas redes de tráfico. Nossas mensagens preventivas devem levar em conta esta realidade: **Os riscos de um (a) usuário(a) de droga injetável (UDI)**



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

**infetar-se pelo HIV, ou por outro agente de doença**, estão relacionados à forma com que a droga é utilizada, ou seja, pelo compartilhamento de seringas e agulhas ou pelo sexo desprotegido; **As drogas mais usadas em nossa sociedade são aquelas comercializadas e compradas livremente**, como as bebidas alcoólicas, o cigarro e os tranquilizantes. Seus usos são estimulados e estão intimamente associados aos maiores problemas de saúde pública, não somente em nosso país. Paradoxalmente, as ações de prevenção ao uso indevido dessas substâncias, quando existentes, são extremamente acanhadas. **Em algum momento da vida, as pessoas e, em especial os jovens, experimentam alguma substância psicoativa e podem conseguir algum tipo de satisfação**, seja pelo prazer, por contestação ou porque a substância pode trazer alívio para alguma dor. Isto deve sempre ser levado em conta porque essas razões também justificam a grande procura por essas sensações e pela dificuldade de se interromper o uso.

A partir destas primeiras propostas o que se observa é um sem fim de discussões dos que apoiam a redução de danos, dos que apoiam as propostas interdisciplinares informativas, mas com a não utilização da droga em hipótese nenhuma, e dos que apoiam a PM por meio do programa PROERD dentro da escola.

Podemos afirmar que nas representações da sociedade em geral, e muito divulgado pela mídia é que os latrocínios, homicídios nos quais adolescentes estejam envolvidos o uso da droga é o motivo pelas atrocidades acometidas nos mesmos. Em geral estes adolescentes são negros, pobres e vivem em situação de risco, isto é, moram nas ruas, abandonaram a escola, e já possuem antecedentes criminais. E, são estas representações que cultivam a ideia da “Tolerância Zero”.

O programa “Tolerância Zero” surge em Nova York em 1994 com o prefeito Giuliani cujo objetivo era atacar as pequenas infrações do cotidiano que afetavam negativamente a qualidade de vida da população ordeira e contribuía para o clima de



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

abandono que estaria por trás dos crimes mais violentos. Para que esta proposta desse certo houve um aumento do contingente policial e a modernização dos equipamentos, a descentralização das ações e responsabilidade para os chefes de polícia e a informatização para acompanhar os índices de criminalização. Todos eram estimulados a apresentar resultados e a ideia de produtividade e competitividade passa a fazer parte do universo policial (BELLI, 2004)

Para Belli (2004, p. 76), a Tolerância Zero é a expressão, no campo da gestão policial da segurança pública, de um contexto em que prevalece a descrença na reabilitação, na busca social dos crimes, na transformação das estruturas sociais, na superação da exclusão produzida e reproduzida diariamente nas relações sociais. Este projeto permitiu a ascensão do Estado Penal nos últimos trinta anos produzindo uma hiperinflação carcerária, tornando um problema social em responsabilidade individual. Estes indivíduos excluídos deixaram de ser funcionais para a economia capitalista tornando-se um obstáculo ao bom funcionamento dos negócios e do turismo. Daí a ideia de manter presídios, manicômios, comunidades terapêuticas longe dos centros municipais. A horda de disfuncionais que precisam ser punidos não tanto como exemplo para dissuadir potenciais criminosos, drogados, mas porque a função da pena se esgota na punição enquanto neutralização e exclusão.

No caso brasileiro os presídios estão superlotados, então se constroem mais. O Estado gaba-se da construção de mais Fundações Casa em diferentes municípios que fazer qualquer coisa para não tê-lo em seu território. Propostas de construções de Presídios de Segurança Máxima no intuito de reeducar uma população que já foi excluída.

É este o cenário de algumas propostas de prevenção no Brasil. Na escola os professores se abstêm de trabalhar o assunto e mal conhecem os programas



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

governamentais, pois, é muito mais fácil que a polícia através do PROERD desenvolva a ação preventiva.

A sociedade em geral, prefere não olhar para a “crackolândia”, e se olha entende que este é um lugar que não faz parte de seu universo. Recrutar guardas municipais e armá-los tem sido uma prática comum nos municípios. Estes que buscam os possíveis ladrões e drogados, são os que usam o uniforme, o cacetete, o spray de pimenta, o soco, o chute, e enfim a arma para retirar de nossa vista os “culpados” pelo nosso medo e nossa infelicidade. No Brasil, fazendo um paralelo, este é nosso projeto de Tolerância Zero.

### REFERENCIAS

- ARBEX JR., J. América Latrina. in Revista Caros Amigos, ano IV, nº 44- nov. 2000- p. 10/11. São Paulo: Casa Amarela, 2000.**
- BAUMAN, S.** O mal estar da pós modernidade. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.**
- BELLI, B.** Tolerância Zero e Democracia no Brasil: **visões da segurança pública na década de 90. São Paulo: Perspectiva, 2004.**
- FOUCAULT, M.** História da Loucura. **São Paulo: Perspectiva, 1978.**
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir :nascimento da prisão. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.**
- GOFFMAN, E. Manicômios, Conventos e Prisões.** São Paulo: Perspectiva, 1974.
- KALINA, E. (org.). Drogadição hoje.** Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- OBID. Observatório Nacional sobre Drogas. Disponível em [www.obid.senad.gov.br](http://www.obid.senad.gov.br). Acesso em 25/05/2009.
- <http://www.obid.senad.gov.br/>
- PROERD. Programa Educacional de resistência às drogas e à violência. Disponível em [www.proerd.ms.gov.br](http://www.proerd.ms.gov.br) Acesso em 25/05/2009.
- SANTOS, V. L. dos; Santos, C. E. dos- “Adolescentes, jovens e Aids no Brasil” in Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Volume I, Brasília, agosto de 1999.
- SENAD. Secretaria Nacional sobre Drogas SENAD. Disponível em [www.senad.gov.br](http://www.senad.gov.br). Acesso em 25/05/09.**